

# Banqueiro alemão reitera confiança

**DIRCEU MARTINS PIO**  
Enviado especial

"Não existe um buraco no mundo onde possa afundar um país do tamanho do Brasil." Com essa frase o banqueiro Ernst Gunther Lipkau, membro da diretoria do Deutsch Sudamerikanische, o maior credor do Brasil entre os bancos da Alemanha, parece ter dado o tom de quase todas as declarações surgidas durante a reunião da junta de governadores do Brasilinvest, realizada ontem em Foz do Iguaçu. Empresários brasileiros, banqueiros internacionais, industriais de diversos países acabaram por demonstrar, como o alemão Ernst Gunther Lepkau, também representante do Dresdner Bank no Brasil, muita confiança na capacidade de recuperação do País.

Pela manhã, ainda repercutiam no encontro as declarações feitas em Brasília, anteontem, pelo diretor do Instituto de Economia International, ex-subsecretário do Tesouro americano, Fred Bergsten, de que o Brasil, entre os 18 países mais endividados, é um dos que têm boas perspectivas de sair da crise. Presente ao encontro do Brasilinvest, mostrando-se confiante em que a reunião de cúpula que se inicia hoje em Williamsburg, nos Estados Unidos, possa resultar em algo mais concreto para que os países industrializados estabilizem sua recuperação econômica e eliminem o protecionismo contra a importação de produtos de países como o Brasil, ele reafirmou sua fé nas possibilidades brasileiras. Para Bergsten, essa nova posição dos países desenvolvidos torna-se indispensável para que o Brasil saia da atual crise, advertindo, entretanto, que aqui também precisam ser tomadas, simultaneamente, medidas de combate à inflação e à indexação da economia.

Ainda mais otimista com as perspectivas brasileiras estava mesmo Ernst Gunther Lipkau. Bem humorado, ele primeiro brincou com os repórteres que o cercaram durante a visita que os membros do Brasilinvest fizeram a Itaipu e que desejavam saber qual a posição de seu banco na Alemanha: "Somos o sexto banco alemão e, infelizmente, o primeiro credor do Brasil". Na sequência, fez questão de criticar a forma

como o Brasil acabou chegando a essa fase mais aguda da crise: "Após a guerra das Malvinas, o sistema financeiro internacional primeiramente pegou a Argentina, depois o México. E o Brasil, indevidamente, acabou sendo enfiado na mesma panela".

## PROJETO 4

Ernst Lipkau, comentando as atuais dificuldades de caixa do Brasil, admitiu que o Projeto 4 está enfrentando realmente sérias dificuldades. E disse que em sua elaboração foi introduzida uma grande confusão com as chamadas linhas de crédito interbancárias, o que segundo ele inabilita o projeto e obriga o País a negociar novo empréstimo.

Aliás, foi bastante explícito ao propor uma saída para o País de toda a crise: "Não há outra forma: É preciso ir aumentando as exportações e promover negociações permanentes da dívida externa". Mas acrescentou que o sistema financeiro internacional, principalmente os grandes bancos, mostram-se muito receptivos ao Brasil.

Lipkau mostrou-se convencido de que são muito boas as perspectivas brasileiras, mas se recusou a comentar a tese da moratória ou a revisão da dívida: "Não temos que opinar sobre isso. Temos os contratos, que têm suas garantias. Não impusemos a dívida ao Brasil, ele se endividou porque quis".

## GARNERO

Em meio ao numeroso grupo de banqueiros internacionais, todos acionistas do Brasilinvest, o presidente do Conselho de Administração da empresa, Mário Garnero, apresentou algumas propostas, como a de uma ampla reprogramação da dívida externa brasileira por um prazo de mais 20 anos de carência de 7 a 8 anos. As declarações de Garnero encontraram certa receptividade entre os banqueiros, havendo os que chegaram a admitir como boa e até necessária a proposta da renegociação, achando, contudo, um pouco generoso demais o prazo sugerido pelo empresário brasileiro. Foi o caso de David L. Hanson, gerente-geral do Midland Bank Limited, que afirmou que, embora não se possa falar em prazos, a reprogramação da dívida é algo bastante viável.

Ele também é dos que destacam as possibilidades de o Brasil passar rapidamente pela crise, acentuando principalmente a existência no País de grandes reservas naturais e a dimensão, "já respeitável", de sua indústria. Achou mesmo que os banqueiros internacionais estão muito receptivos à reprogramação da dívida externa brasileira.

Já para Garnero a situação do endividamento externo brasileiro amadureceu o suficiente para se pensar numa reprogramação: "É claro que se o País tivesse um bom prazo para pagamento ele poderia atravessar essa fase com muita tranquilidade". Garnero tem inclusive a fórmula pela qual essa renegociação poderia ser feita: "O País emitiria uma série de títulos que seriam refinanciados pelos bancos internacionais com a interferência ou mesmo o aval do Banco Mundial e do Clube de Paris".

Mas o empresário deixou claro que uma condição básica para que isso seja realizado com sucesso é o País assumir, internamente, o controle da inflação: "A inflação hoje é muito mais danosa que a própria dívida externa. E os banqueiros internacionais sabem muito bem disso". Garnero aguarda com muita expectativa as medidas que o governo deve tomar na próxima semana.

Para ele, os problemas do País são muito evidentes: "Não podemos mais conviver com uma inflação nesses níveis, com o descontrole da dívida interna e com essa brutal indexação da economia". Advertiu, entretanto, que o governo precisa ser seletivo, e não mais horizontal, na contenção do déficit público: "Se os cortes atingirem algumas atividades produtivas, como a da exportação, teremos a paralisação de todo o sistema econômico".

Disse que ficou entusiasmado com as últimas declarações do presidente do Banco Central, Carlos Lagoni, de que o governo vai-se retirar, em marcha batida, da atividade econômica. "No momento, estamos assistindo exatamente ao contrário: o governo, com suas empresas altamente endividadas, está expulsando os empresários privados do setor financeiro, tomando para eles os empréstimos que serviriam à atividade produtiva", observou.